



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 27

Inventando as regras

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem uma fase do desenvolvimento humano em que a gente começa a gostar de regras. Isso acontece na infância, mesmo. Eu ouvi isso pela primeira vez num episódio do Radiolab, que é um podcast americano sublime, que eu recomendo muito – a gente vai deixar esse episódio linkado no nosso site... e depois que eu tinha ouvido, não consegui des-ouvir.

A gente nasce e cresce livre, brincando de um jeito meio selvagem, sem forma, sem lei. E tem uma hora – depende de criança pra criança – que a gente começa a obcecar com regras.

De uma hora pra outra, todas as brincadeiras têm regras.

De repente a brincadeira é a regra.

Passar o tempo debatendo quem infringiu, como é que tem que ser, e tal, a brincadeira vira isso.

Por um lado, isso pode ser muito chato.

Você olha pra duas crianças debatendo sem parar sobre as regras de uma brincadeirinha e pensa: "onde foi que eu errei?"

"É por isso que o Congresso funciona assim?"

"É por isso que a humanidade não vai pra frente?"

Por outro lado, viver num mundo sem regras pode parecer libertador.

Mas essa liberdade não demora pra virar opressora.

Quando a gente não tem nenhuma regra pra seguir, nenhuma regra pra ser quebrada... pra onde é que a gente vai?

A primeira história do episódio de hoje é sobre alguém que percebeu uma brecha: a ausência de uma regra... e soube aproveitar.

Quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Flora Thomson-DeVeaux: Essa história caiu no meu colo, numa dessas horas que a gente se entrega ao buraco negro da Wikipédia. Mas vai muito além de uma curiosidade de mesa de bar. Na verdade, eu não sei direito o que fazer com essa história. Por isso, em parte, que eu quis compartilhar aqui.

Imagina o seguinte: você resolve atravessar o Atlântico num vapor em setembro de 1912. Haja coragem, porque o Titanic naufragou faz só cinco meses. Mas vamos lá.

Imagina que você tá indo prum país novo em 1912 e não é como se tivesse de férias. Você tá indo pra esse novo país atrás de emprego, um emprego que você ainda não tem. Ah, e esqueci de dizer, você é uma mulher de 29 anos. Que trabalho que você vai arrumar? Vai, dependendo da classe social e da cor – lavadeira, criada, governanta que seja.

Pois bem.

Locutor: Gazeta de Notícias, 20 de junho de 1912. Rio de Janeiro. D. Virginia Quaresma vem ser redactor ou reporter entre nós. Certo é a primeira vez que vamos ter nas salas das nossas redacções uma mulher jornalista, exclusivamente jornalista, fazendo “enquetes”, assaltando políticos para entrevistar, cavando activamente “furos”. Ah! vai ser interessante uma mulher de lapis em punho e as tiras de papel, tomando notas nas delegacias, nos corredores da Câmara, nos gabinetes dos políticos, nos passeios da Avenida...

Flora Thomson-DeVeaux: Sim. Virgínia Quaresma foi a primeira repórter mulher da história do Brasil, de que se tem notícia. E ela fez isso depois de se tornar a primeira repórter mulher da história de Portugal.

Mas o que é que a gente quer dizer com “repórter”?

Eduardo da Cruz: está no momento de transição do jornalismo. O jornalismo, até então, os repórteres, que não eram repórteres, ficavam na redação dos jornais à espera de uma notícia, e eles apenas redigiam a notícia.

Flora Thomson-DeVeaux: Então o repórter – a figura que vai pra rua pra fazer a notícia – teve que ser inventado. Quem me ajudou a entender toda essa história melhor foram dois acadêmicos. O Eduardo da Cruz...

Eduardo da Cruz: Sou professor de Literatura Portuguesa, na UERJ, sou colega e amigo da Andreia há bastante tempo também.

Andreia Castro: Há muitos anos.

Flora Thomson-DeVeaux: E a Andreia Castro.

Andreia Castro: Sou professora de Literatura Portuguesa e Africanas da UERJ, a minha tese de doutorado foi sobre a representação do crime e do criminoso na imprensa, então não é à toa que esse assunto me interessa tanto.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente já vai chegar no crime. Mas eu queria voltar naquilo que o Eduardo falou, desse momento de transição no jornalismo. O que me interessa nesses momentos históricos é a indefinição de tudo. Se um jornalista não é a pessoa que fica ali na redação esperando a notícia chegar pra escrever bonito... então ele faz o quê?

O que que é essa nova profissão, sabe?

João do Rio foi uma das primeiras pessoas no Brasil a tentar definir isso. Indo pra rua, zanzando, se metendo nuns becos atrás de coisa pra testemunhar e escrever.

Pensa bem. Quando você nasceu, já existiam repórteres. Quando seus pais nasceram, já tinha repórter. Pode parecer óbvio que haja repórteres no mundo. Mas quando for ver, é muito antinatural esse negócio de um ser

humano que fica correndo atrás dos outros pra tentar explicar a realidade enquanto ela acontece.

E a Virgínia Quaresma foi uma das primeiras pessoas a fazer isso em Portugal.

Eduardo da Cruz: Ela até conta que algumas vezes ela faz uns truques, né?

Andreia Castro: Ela usa subterfúgios.

Eduardo da Cruz: quando morreu o Duque de Palmela, que era uma pessoa importante em Portugal, em 1910, ninguém podia entrar na casa, e ela queria saber notícias de como estava sendo todo o processo de velório, e a família, como estava lidando com isso. Então ela vê umas freiras entrando na casa, falou para as freiras que era amiga da família e as freiras entraram com ela. Então ela enganou as freiras e, lá dentro, as pessoas achavam que ela estava com as freiras, e ela falou que ficou mais de uma hora ajoelhada de frente para o caixão, velando o corpo, e ouvindo tudo o que estava acontecendo, para contar como que estava sendo a recepção da família e o processo político.

Flora Thomson-DeVeaux: Nossa Senhora, ela era danada.

Andreia Castro: Ela era muito danada.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas não precisava envolver freira e invasão de velório para ser inovador. Num dia de 1910, começa a correr a palavra de que a monarquia tinha caído. O que um jornalista dessa época faria? Esperaria um comunicado na redação. Mas o que uma repórter faz?

Eduardo da Cruz: Em 5 de outubro de 1910, quando ela descobre que tem uma revolução, a primeira coisa que ela faz é ir para a casa do ministro do governo: “E aí, o que você vai fazer agora?” “Eu não sei ainda, ainda estou me reunindo com os outros ministros.” “Não, mas eu quero contar.” Então já- ela invade a casa do ministro do reino, que é praticamente o primeiro ministro, quem manda... “Não, mas quais são as ações? O que você pensa?” Ela quer saber...

Andreia Castro: Faz as perguntas à queima-roupa.

Eduardo da Cruz: E praticamente invade a casa dele; quer botar ela de lá para fora. Então, ela é aquela que vai, de fato, atrás das notícias: “Eu quero tal coisa, onde eu vou encontrar?” “Fulano vai me dar essa informação”, “Beltrano vai me dar aquela informação”, “preciso estar em tal lugar.” E ela está fazendo isso o tempo todo, e ela diz: “É isso que eu vou fazer no Brasil.”

Flora Thomson-DeVeaux: Na época, a Virgínia Quaresma deu entrevista dizendo que tinha escolhido o Brasil porque tava a fim de viajar, ter uma aventura, sem dar maiores explicações.

A minha grande pergunta pro Eduardo e pra Andreia era meio boba, mas era a seguinte: quem deixou ela fazer isso no Brasil?

Porque quando a gente pensa em pioneirismo, é como se a pessoa tivesse que arrombar uma determinada porta. Quem deixou essa porta entreaberta? No caso da Virgínia Quaresma, ela chegou de navio dizendo que ia ser jornalista, mas sem nenhuma oferta de emprego.

Eduardo da Cruz: Ela chega aqui e vai procurar o Jornal do Brasil, a Gazeta de Notícias e vários outros, e ela acaba contratada por esse periódico A Época, que foi fundado em 1912, então tinha alguns meses de existência antes da chegada dela, e era uma proposta, um jornal que queria ser moderno, queria novidades.

Flora Thomson-DeVeaux: Acho que cabe dizer que nome de jornal não costuma ser lá muito original, tem muito nome repetido. Então essa Época não é a revista Época que a gente conhece hoje. Só pra esclarecer.

Eduardo da Cruz: Então quando ela chega com essa proposta, o jornal fala: “É isso que a gente quer.” Contrata você e logo publica uma foto dela na redação do jornal, e isso é uma grande novidade, porque já havia mulheres na imprensa; desde o grande boom da imprensa no século XIX, mulheres fazem parte, ou enviando poemas, folhetins, crônicas...

Andreia Castro: Contribuições, né?

Eduardo da Cruz: Contribuições, colaborações para a imprensa, mas sempre escrevendo de casa. Mesmo no Brasil, a Julia Lopes de Almeida, que foi muito ativa nesse período, que também é uma grande escritora, ela escrevia de casa as crônicas dela. Ela pode falar sobre o Rio de Janeiro, mas ela, depois, em casa, na casa dela em Santa Teresa, ela redige a crônica e manda para a redação. Não é isso que a Virgínia Quaresma quer fazer, não é isso que ela faz. Ela está na rua atrás das notícias, atrás dos crimes, atrás de entrevistas. Então os primeiros papéis dela, na verdade, nesse jornal, são para entrevistar políticos, inclusive políticos que não queriam dar entrevistas, famosos por não dar entrevistas, mas quando viam uma mulher fazendo perguntas para eles...

Andreia Castro: Respondiam espontaneamente.

Eduardo da Cruz: Respondiam espontaneamente porque não acreditavam que fosse um repórter, que fosse algum jornalista.

Flora Thomson-DeVeaux: O general Pinheiro Machado, que supostamente nunca tinha dado entrevista pra jornalista nenhum... falou com a Virgínia. E não era exatamente um truque que ela usou pra conseguir isso. Era o próprio pioneirismo. Ou, melhor, o pioneirismo dela virava uma estratégia.

Andreia Castro: Então ela usou do subterfúgio para conseguir tirar desses homens importantes as notícias que ela desejava, os temas que ela queria debater. Então, o furo era todo dela.

Flora Thomson-DeVeaux: E não chega nem a ser um subterfúgio, né? Só o fato de ser mulher que, tipo assim, “não pode ser repórter”.

Andreia Castro: “É só alguém me perguntando alguma coisa”.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas nem todos os “truques” da Virgínia eram tão simples assim. Tem um outro caso dela que é meio complexo. E que chega a desafiar o que a gente entende por jornalismo.

Andreia Castro: Então: houve um roubo a um trem pagador, e...

Eduardo da Cruz: Não foi um trem, era um navio que estava levando toda a verba federal, se eu não me engano, para Pernambuco e roubaram o dinheiro.

Andreia Castro: Um baú de dinheiro.

Eduardo da Cruz: E depois esconderam esse dinheiro, enterraram na Floresta da Tijuca.

Flora Thomson-DeVeaux: Como a gente sabe disso? Porque um dos ladrões foi pego em flagrante, enterrando a grana.

Eduardo da Cruz: Conseguiram prender esse cara, e recuperar parte do dinheiro, e esse dinheiro... O cara foi preso, levaram o dinheiro para a delegacia, eram três latas com dinheiro, contaram o dinheiro, e tem relatos de quanto foi.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que...

Eduardo da Cruz: Só que o dinheiro sumiu de dentro da delegacia, e a Virgínia Quaresma começou a pesquisar e a fazer investigação de como assim esse dinheiro sumiu: “Quanto dinheiro, afinal, havia lá? Quem poderia ter pego o dinheiro? E como que a polícia resolveu isso?” Demitindo o policial que passou para a imprensa quanto dinheiro havia.

Andreia Castro: É justamente quem fala a verdade que é demitido.

Eduardo da Cruz: E mantiveram o sujeito preso.

Andreia Castro: Barata Ribeiro o nome do sujeito.

Eduardo da Cruz: Que era o Barata Ribeiro. Não era o Barata Ribeiro da rua, mas por acaso se chama Barata Ribeiro.

Flora Thomson-DeVeaux: Recapitulando, que a coisa é complexa: o ladrão – que se chamava Barata Ribeiro – foi levado pra delegacia junto com o dinheiro que tinha sido apreendido. Só que dos dois, só o ladrão ficou. O dinheiro sumiu. E quem pagou por isso foi o único policial que tinha falado do dinheiro pra imprensa.

Daí entra a Virgínia Quaresma. Ela chegou a apurar tudo isso, do dinheiro que tinha sumido, do policial demitido e tal, mas não tinha nenhuma fonte que topasse vir a público com a informação.

A reportagem tava pronta. Mas não podia sair. Talvez ela nunca tivesse saído.

Mas numa noite, a Virgínia foi ver uma peça de teatro. Ela tá ali, assistindo, e ela repara num dos atores. Que, por acaso, é muito parecido com o ladrão, o Barata Ribeiro.

Eduardo da Cruz: Então ela simulou que ela estava preparando um artigo sobre o Cemitério do Catumbi, que fica nos...

Andreia Castro: A casa de detenção.

Eduardo da Cruz: A casa de detenção, os fundos dá para o cemitério, então ela estaria ali, por acaso, cobrindo com o fotógrafo dela e vê o Barata Ribeiro fugindo da casa de detenção.

Andreia Castro: E o entrevista, e o fotografa.

Flora Thomson-DeVeaux: Talvez você seja desconfiando que esse Barata Ribeiro não era o Barata Ribeiro de verdade, mas o sócia, o ator. Mas a Virgínia usou esse furo fake – construiu esse flagra – para contar tudo que ela já sabia. Botando na boca do ator.

Eduardo da Cruz: E vai atrás dele, segura ele pelo braço: “Como assim você está fugindo?” “Olha, você não vai fugir. Você, primeiro, tem que me contar o que aconteceu.” Então começa uma longa entrevista dela com o Barata Ribeiro, que na verdade é um ator, então ela que está fazendo os dois papéis ali na reportagem, contando tudo, quem tinha roubado, como que... e que, por acaso, várias pessoas fogem por ali. Aí acaba o Barata Ribeiro entrando no automóvel e fugindo, e ela: “Mas eu não sou detetive, eu não tenho que ir atrás dele, nem saber para onde ele vai. A polícia que faça isso porque esse é o trabalho da polícia.”

Flora Thomson-DeVeaux: Meu Deus.

Flora Thomson-DeVeaux: Saiu uma foto no jornal da Virgínia segurando o Barata Ribeiro fake pelo braço. Como se ela tivesse pego ele em flagrante mesmo. A matéria foi publicada no dia primeiro de abril de 1913.

Eduardo da Cruz: E isso criou um rebuliço danado, porque o chefe da casa de detenção falou: “Mas o cara não fugiu, o cara está aqui”, e teve que se desculpar e escrever. Ele acabou perdendo o cargo, porque mostrou que, de fato, alguma coisa aconteceu de muito errado na polícia para o dinheiro sumir de dentro da delegacia, de sumir de dentro da sede da polícia.

Flora Thomson-DeVeaux: Recapitulando: a Virgínia tinha apurado essa história do sumiço do dinheiro de dentro da delegacia, mas não tinha conseguido publicar porque nenhuma fonte queria falar em on. Daí em vez de conseguir outra fonte, ela arrumou essa entrevista fake com o ator-sósia pra falar tudo que ela tinha apurado. O chefe da polícia desmentiu essa história, mas o Eduardo e a Andreia me contaram que o bafafá foi tão grande que ele acabou caindo mesmo assim.

De todas as pegadinhas de primeiro de abril, eu não consigo pensar em nenhuma que fosse tão fora da caixinha. O que a Virgínia Quaresma fez foi mentir pra contar a verdade. Não é jornalismo como a gente conhece hoje. Mas foi num momento logo antes das regras do jornalismo estarem mais firmes. Tudo tava valendo. Ou quase tudo, vai.

Aqui eu tive outra dúvida. Se a Virgínia foi tão inovadora assim, porque que não ensinam a história dela em todos os cursos de Jornalismo do Brasil?

Tem alguns motivos, na verdade. O primeiro é que, com algumas exceções, tipo essa do Barata Ribeiro, é bem difícil saber quais textos eram dela. Nos jornais da época, quem era jornalista “da casa” não assinava as matérias. E a Virgínia não quis fazer diferente.

Eduardo e Andreia me contaram uma história sobre a greve dos foguistas da empresa Lloyd Brasileiro, que começou em maio de 1913.

Eduardo da Cruz: Estavam em greve porque há mais de 20 anos eles não tinham aumento, e foguista é aquele que está lá, dentro do navio, pegando carvão e jogando para queimar, então é um trabalho

exaustivo, e essa matéria toda hora fala: “Tem um repórter da época que está acompanhando as reuniões do sindicato, a greve.”

Locutor: Cerca das 5 horas da tarde de ontem, A Época destacava um de seus repórteres para a sede da associação dos fogueiros, a fim de conseguir pormenores acerca da marcha do movimento. Acercamo-nos de um fogueiro...

Andreia Castro: É sempre “o” repórter.

Eduardo da Cruz: É um repórter, sempre no masculino. Quando acaba a greve, há uma moção de aplauso no sindicato para a Virgínia Quaresma, que tinha acompanhado tudo, e tinha ajudado eles a convencer que deveria ter um aumento. Então ela era aquele “um repórter” que estava acompanhando todo o movimento grevista.

Locutor: A Época destacava um de seus repórteres...

Locutora: A Época destacava um de seus repórteres para a sede da associação dos fogueiros, a fim de conseguir pormenores acerca da marcha do movimento. Acercamo-nos de um fogueiro, interrogando-o, sem mais preâmbulos.

Flora Thomson-DeVeaux: Olha só. Eu tinha visto, tinha alguma entrevista da época com o João Barreto, no caso da tragédia de Icarai e eu tinha visto que quem falou com ele foi um repórter. Eu pensei: “Ah, então não era ela”, mas pelo jeito...

Eduardo da Cruz: Mas era ela. Ela foi a primeira a chegar na cadeia para entrevistá-lo. Depois que os outros homens chegaram para entrevistar, e ele estava se abrindo para uma mulher que estava visitando ele na cadeia, mas era um repórter, que era a Virgínia Quaresma.

Flora Thomson-DeVeaux: Vamo voltar um pouquinho aqui. Quando eu caí num buraco de Wikipedia e vi o nome da Virgínia Quaresma, a primeira coisa que eu li foi que ela foi a primeira repórter de Portugal e do Brasil. A segunda coisa foi sobre a cobertura que ela fez de um assassinato. Que, no caso, a gente só sabe que foi ela que cobriu porque ela mesma falou anos depois.

Aconteceu assim. Tinha um sujeito chamado João Pereira Barreto. 36 anos, sergipano, morando em Niterói e trabalhando na Câmara de Deputados. Ele tinha escrito um livro de poesias bem conceituado e tinha inclusive sido candidato à Academia Brasileira de Letras. (Aliás, quem entrou no lugar dele foi outro Barreto, o Paulo Barreto, melhor conhecido como João do Rio.) Mas enfim. Esse poeta, o João Barreto, era viúvo da primeira mulher, depois da morte dela ele casou de novo e caiu bem na bebida.

E como essa história toda tá com pouco Barreto, vou jogar mais um. Depois que João Barreto desandou a beber, ele ganhou um companheiro de boteco: Lima Barreto, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Pronto, parei com os Barretos.

O que você precisa saber é que uma noite, num café – e, naquela época, café era meio sinônimo de bar – enfim, num café no Centro do Rio, João Barreto tá bebendo com Lima Barreto. E o João Barreto tá pê da vida. Ele diz pro Lima: “Hoje eu podia matar alguém”.

E o Lima diz “Paaara com isso, cara, hoje você exagerou, vamo esfriar a cabeça”.

Bem, isso teria sido sensato. Não, na verdade, o Lima sugeriu que o João podia matar um crítico de quem ele, Lima, não gostava. O nome do cara era J. Brito. (O Lima disse depois que tava brincando.)

Pois bem. Os Barreto tomam mais uma, ou mais duas, e chega uma hora em que o João resolve pegar a barca pra casa dele em Niterói. Já é de madrugada. Dia 3 de dezembro de 1912.

O que aconteceu naquela madrugada ficou conhecido como a “Tragédia de Icaraí”. Icaraí é o bairro de Niterói onde o João Barreto morava. E a tragédia não teve testemunhas. O que teve foi que o cunhado do João Barreto acordou com o João batendo na janela, desesperado. Ele diz: “Atirei na Anita. Chame um médico.” Ele joga as chaves da casa ali e some.

Só que é 1912, e não é tão fácil assim chamar um médico. O cunhado fica meio tonto.

Eduardo da Cruz: Ele diz: “Eu sou um senhor de idade, eu não tinha como chamar um médico, então eu chamei um rapaz para ir atrás do meu

primo, que mora em outro lugar na praia de Icaraí para chamar um médico, e esse médico não quis atender.” Então ele voltou... O médico não quis atender, então foi chamar outro.

Andreia Castro: Só no dia seguinte que, de fato, alguém...

Eduardo da Cruz: Então só no dia seguinte que, de fato, todo mundo ficou dando conta do corpo, que agora já era um corpo. Provavelmente morreu na hora, porque foi um tiro na cabeça, então essa busca por um médico já era...

Andreia Castro: Ela grávida de 4 meses e ela estava fugindo. Então foi um crime covarde mesmo, sem chance de defesa.

Flora Thomson-DeVeaux: A vítima era a mulher do João Barreto, Anita Levy Barreto. Ela tinha 28 anos. Eles tinham se casado só seis meses antes.

Bom, a Virgínia Quaresma chega na redação da Época e o chefe manda ela pegar a barca pra Niterói. Detalhe que ela nunca tinha feito a cobertura de um assassinato antes. Mas nessa altura ela já era craque em pioneirismos.

O primeiro texto que ela publica é de 4 de dezembro, com o título: “O Inferno do Ciúme”.

Nessa matéria, ela faz uma descrição da cena do crime, vai entrevistando as pessoas dali, as empregadas, coletando depoimentos, e chegando rapidamente à conclusão de que esse cara era um bêbado que matou a mulher aparentemente sem motivo.

***Locutora:** O crime não aparecia aos olhos de ninguém envolto num de mistério, pois que, de há muito, se notava e comentava a forma tirana por que era tratada a vítima pelo marido que, sem escrúpulo algum, manifestara em toda a parte um ciúme feroz e injustificado pela esposa.*

Flora Thomson-DeVeaux: A Anita tinha a reputação ilibada, como se diz, ela nem saía de casa desacompanhada... e ela apanhava do João.

Locutora: As criadas, com grande surpresa, viram que 'o senhor maltratava a senhora, chegando a dar-lhe pancada.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas a Quaresma vai um passo além. Ela começa a reconstruir os passos do assassino na noite do crime.

Locutora: Quase à meia-noite, despediu-se e saiu para o ponto das barcas, onde tomou a de meia-noite e vinte, sendo visto por um jornalista que mora em Icaraí. Às três e meia da manhã já tinha consumado a sua obra e já se achava, a rir, sentado à última mesa da 'terrasse' do Café Suiço, onde esvaziou duas garrafas de cerveja. Pediu ao gerente papel e envelopes para escrever duas cartas. Sendo interrogado pelo gerente sobre o motivo de sua ausência do café, respondera-lhe que ia fazer uma longa viagem e, quando regressasse, seria o mesmo freguês de outrora.

Flora Thomson-DeVeaux: Se esse trabalho te parece mais de investigador de polícia do que de jornalista, você não tá muito longe do alvo. A Virgínia Quaresma não tinha os policiais em alta conta, e achava que, se ela não agisse, o caso não ia se resolver nunca. Isso porque Barreto não tinha aparecido desde a noite do crime. Já fazia quase dois meses, e, nos textos dela, a Quaresma começa a ficar irônica.

Locutora: Tenham um pouco de paciência, porque de certo, em tempo oportuno, ele se apresentará à justiça.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu lembrei do assassinato da Ângela Diniz, que a gente cobriu na nossa série Praia dos Ossos.

Naquele caso, que aconteceu em 1976, o Doca Street matou a namorada a tiros, fugiu na noite, e ficou algumas semanas fora do ar enquanto a polícia tava procurando por ele. E, nesse tempo, os advogados dele conseguiram dar a volta na narrativa pública. Segundo eles, não é que o Doca era um ciumento doido que atirou na namorada. Ela é que era um monstro que tinha provocado ele.

Bem, o João Barreto ficou sumido sete meses. Devia ser tempo o suficiente pros advogados dele virarem o jogo, né? E eles vieram com uma aposta ousada. Aqui de novo os nossos professores da UERJ, o Eduardo e a Andreia.

Eduardo da Cruz: A primeira versão da defesa é que ele tinha chegado lá hipnotizado, estava sob efeito de hipnose.

Andreia Castro: Uma ex-amante teria feito...

Flora Thomson-DeVeaux: Ele foi hipnotizado aonde?

Eduardo da Cruz: No Centro do Rio de Janeiro, num bar, e teria ido hipnotizado até Niterói para matar a esposa.

Andreia Castro: Isso tudo a mando de uma ex-namorada, que queria desestabilizar o lar.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que a Quaresma já andava mapeando a noite do assassinato, e essa história de hipnose parecia muito improvável.

Eduardo da Cruz: Então ela tem o passo-a-passo do que ele fez no dia, e ela chega a essa conclusão que tem que ser premeditado, porque ele já tinha dinheiro para fugir, ele pediu carta para mandar notícias para alguém, ele avisou mais cedo que queria matar alguém, antes que a polícia chegasse à conclusão.

Flora Thomson-DeVeaux: A Quaresma ainda apurou que a tal da hipnose foi o seguinte: um amigo de Barreto, entre o oitavo e o décimo uísque, tentou fazer alguns passes de hipnose no meio da conversa.

***Locutora:** Não há quem ignore que nestas condições não há hipnotizador nem hipnotizado. O que há é bebedeira.*

Flora Thomson-DeVeaux: Dali em diante, é muito difícil você achar qualquer texto em qualquer jornal tentando aliviar a barra do assassino. Tem uma exceção, que é uma defesa escrita pelo próprio cunhado dele. E a palavra do cunhado pesava muito.

A irmã do João Barreto era casada com o crítico literário Sílvio Romero, que, além de ser um grandesíssimo de um racista, era uma figura muito importante no mundo das letras brasileiras naquele momento.

Romero parecia basicamente empenhado em dizer que o cunhado dele não era um bêbado. Mas, na sequência, ele defendeu o cunhado listando outros exemplos de poetas bebuns.

***Locutor:** Como Byron, Schiller, Musset, Baudelaire, Edgar Poe e outros, não se esquecendo os nossos patrícios Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Laurindo Rabello, Castro Alves, Tobias Barreto, Guimarães Passos, e os que ainda vivem Emílio de Menezes, Olavo Bilac, Luiz Murat e outros laureados poetas que são a glória de nossa raça.*

Flora Thomson-DeVeaux: Bonito, né? Bem, passam-se os meses e nada do Barreto aparecer. Até que um dia, em julho de 1913, ele – assim como a Virgínia Quaresma previu – se apresenta à polícia. O João Barreto é levado a julgamento no ano seguinte. E o tribunal tá LOTADO de senhoras, entre aspas, da melhor sociedade.

Os advogados de defesa insistem que ele foi hipnotizado.

Eduardo da Cruz: Isso não convenceu ninguém; nem os homens, nem o juiz. Ninguém acreditou nessa história.

Flora Thomson-DeVeaux: E aí ele foi condenado a 21 anos, né?

Andreia Castro: Foi condenado, a 21 anos.

Flora Thomson-DeVeaux: Aqui tá parecendo um Praia dos Ossos precoce, né? Uma jornalista feminista – porque a Quaresma se dizia feminista, mesmo – lidera uma cobertura crítica de um feminicídio e consegue uma condenação.

Só que, não vamo esquecer que a gente tá nos anos 1910.

Então aperta o cinto, que daqui em diante vai tudo ladeira abaixo.

Tem um recurso, e o Barreto vai a julgamento de novo. Desta vez, quem assume a liderança da defesa é um advogado mega famoso. Talvez o nome te soe familiar. Evaristo de Moraes.

Sim, essa vai pros Praiers – ele é o pai do Evaristo de Moraes Filho, que estrelou a acusação no julgamento do Doca Street.

E qual é a grande sacada do Evaristo de Moraes? Ele abandona a ideia de hipnose, que já tá bem desacreditada. Na verdade, ele escreve nas memórias dele que nunca deviam ter usado esse argumento furado, mas que o Sílvio Romero insistiu. E qual que era a alternativa?

Meu único alívio nessa história é que a alternativa não era atacar o caráter da vítima. Mas não chega a ser muito melhor, não. A defesa do Evaristo de Moraes acaba se baseando numa ciência eugenista e racista. Toda a ideia dele é que o ciúme, entre aspas, patológico, a raiva, o alcoolismo do João Barreto vem... do sangue dele. Ele é um degenerado.

E cê pode imaginar por que Sílvio Romero, que já xingou o Machado de Assis daqui até Xangai por não ser branco, não ia querer que dissessem que o irmão da esposa dele, que a própria a esposa dele era de uma família de degenerados. Que os filhos dele com essa mulher fossem degenerados.

Mas o Sílvio Romero tinha morrido depois do primeiro julgamento. Então Evaristo vai nessa. E ganha. João Barreto é absolvido. Tem um terceiro julgamento, e ele é absolvido de novo.

A Virgínia volta pra Portugal. Depois ela até mora no Brasil durante várias décadas, mas já não trabalha como jornalista – ela acaba sendo meio pioneira de relações públicas.

É um baita anticlímax, né? João Barreto volta pro Sergipe e morre poucos anos depois. No obituário dele, eles nem mencionam o assassinato. E a Virgínia vive uma longa vida e morre, meio esquecida, em 1973.

Lembra quando eu falei que teve outros motivos que podem ter feito com que a Virgínia não fosse mais lembrada hoje em dia? Um deles é que ela era lésbica. E não lesbica do tipo “nossa, que cartas, er, fortes essas duas amigas trocavam, será que tinha alguma coisinha a mais entre elas?” É do tipo ela veio pro Rio com a namorada dela, conseguiu emprego pra namorada no mesmo jornal, depois engatou outro relacionamento que durou 30 anos, até a morte da companheira dela. Mais pro fim da vida, ela se vestia de um jeito cada vez mais masculino, cheia dos terninhos. Isso tudo numa época em que

a homossexualidade era ilegal em Portugal e no mínimo muito malvista no Brasil.

E, como se isso não bastasse, a Virgínia era negra. É uma coisa que não é comentada nos textos sobre ela, mas é bem nítido nas fotos.

Eu fico voltando nesse caso, da Virgínia Quaresma cobrindo um feminicídio em 1912, porque me parece que é algo que quase só poderia ter acontecido num momento em que uma coisa estava sendo inventada. Um momento em que era tão inconcebível que uma mulher pudesse ser repórter que os entrevistados simplesmente não acreditavam. E um momento em que essa única mulher na redação não assinava os textos dela. Na rua, ela conseguia furos porque passava por uma não-jornalista. E no jornal, nos textos não-assinados, ela conseguia exercer poder porque ali ela não era mulher, não era estrangeira, não era lésbica, não era negra. Ela era o jornal.

E “o jornal”, como instituição, é até hoje bem masculino e branco. É como se fosse essa a voz que a gente esperasse da imprensa, a voz da autoridade. E a Virgínia Quaresma, lá nos anos 1910, soube usar isso a favor dela. Era a voz dela e não era ao mesmo tempo. Era assim que ela conseguia falar.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo.

Quem ouviu o nosso primeiro original, o Praia dos Ossos, talvez tenha reconhecido a voz masculina dos jornais na história da Virgínia Quaresma – é o locutor-mor da Novelo, o Ingo Ostrovsky.

E quem fez a voz da própria Virgínia Quaresma foi a jornalista Conceição Queiroz.

Ela é moçambicana, radicada em Portugal, e tem sido uma figura pioneira no telejornalismo português nos últimos anos. A gente deixou alguns links sobre o trabalho dela no site da Novelo.

Essa reportagem teve o apoio do Instituto Beja, que promove uma filantropia estratégica e colaborativa. Pro Instituto Beja, a inovação é a chave pra

escalar impacto nas suas causas – que são a equidade de gênero, a geração de renda para pessoas acima de 50 e a educação infantil.

Bom, esse episódio é sobre regras, né?

E se tem um lugar onde as pessoas adoram fiscalizar regra e quebrar regra – às vezes na mesma frase – é na língua.

No começo da Novelo, tinha gente que chiava porque, aqui nos podcasts, a gente escreve e fala não do jeito que se escreve, mas do jeito que se fala. Às vezes ainda chega uma reclamaçãozinha ou outra, mas a coisa tá mais pacificada hoje em dia.

Mas é que a língua é um terreno que, por um lado, só existe a base de regras, só funciona por um acordo comum regido por regras... e, por outro, essas regras são infringidas o tempo todo e de maneira ostensiva por todo mundo. Todo mundo. Sem exceção.

A nossa segunda história tem a ver com línguas e regras.

Mas aqui, o problema não é uma gramática defasada, ou o abismo entre a língua escrita e a língua falada.

Na verdade, aqui a língua não é nem falada, propriamente.

Quem vai contar essa história pra gente é o Rafael Revadam.

ATO 2

Rafael Revadam: Já aconteceu de você tá no meio de uma conversa e, de repente, esquecer uma palavra que cê queria dizer? E aí você joga uns termos parecidos, tenta buscar sinônimos, dá umas voltas...

Quando isso acontece comigo, eu começo a gesticular de nervoso, como se as minhas mãos fossem ajudar a ilustrar a palavra perdida.

Mas, se já é difícil explicar aquilo que a gente só esqueceu... imagina explicar o que não tem nome.

O que não tem nem palavra pra representar.

Aglaiza Sedrim: Olha, eu achei da forma mais inocente e ignorante possível, né?

Rafael Revadam: Essa é a Aglaiza Sedrim. E a história que eu queria contar hoje tem a ver com um buraco na linguagem que a Aglaiza descobriu muito sem querer.

Ela ainda tava na faculdade, cursando matemática, quando ela se deparou com esse problema. A gente não tá falando de um problema matemático, exatamente – mas de um obstáculo de outro tipo. E quem trouxe esse problema pra ela foi uma aluna da escola onde ela tava fazendo estágio.

Essa situação – professora estagiária dando aula de matemática – tem alguns desafios óbvios.

Você tem uma professora tentando aprender a dar aula enquanto dá aula. E ela tá fazendo isso enquanto dá aula de matemática – que é uma matéria que não costuma ser a preferida da galera... Mas o problema da Aglaiza não tinha nada a ver com o tédio adolescente.

Um dia, a Aglaiza tava dando aula, e ela ficou um tempão falando e fazendo anotações na lousa. Aí, no fim, ela perguntou pra turma se alguém tinha alguma dúvida.

Ninguém falou nada...

Só que, na hora que ela foi apagar a lousa, uma das meninas da sala deu um grito – como se ela quisesse pedir pra ela não apagar ainda.

Daí a Aglaiza falou: “Eu perguntei se alguém tinha dúvida, por que que você não falou nada?”

E quando ela olhou pra aluna, ela entendeu a resposta.

A menina era surda.

E a escola não tinha avisado.

Aglaiza Sedrim: Eu pensava em ser professora de matemática, estava me formando, mas eu não... nunca tinha parado para pensar que eu teria uma aluna surda. Então foi ela que me fez: ops!

Rafael Revadam: Nessa história, eu sinto que a gente vai descendo os degraus pouco a pouco.

Cada passo revela uma dificuldade que a gente nem tava enxergando antes.

Cada passo é um novo "ops!" – como se a gente tivesse pisando em falso.

Mas vamos por partes. Passo a passo.

A Aglaiza não tava sabendo que tinha uma aluna surda na sala. Agora, ela sabia.

Mas como que ela ia ensinar matemática sem se apoiar no português?
Sem as explicações em voz alta que ela tava acostumada a dar?

A princípio, a resposta parecia até que simples: ela tinha que aprender a se comunicar com aquela aluna.

E o universo se encarregou de dar uma ajudinha pra resolver esse problema.

Aglaiza Sedrim: Porque eu peguei uma van indo de uma faculdade a outra. Eu estudava em um campus e eu precisava resolver uma parte burocrática noutro campus.

Rafael Revadam: Logo depois daquela aula, a Aglaiza tava chacoalhando na van, na topic, indo de um campus pra outro da universidade – no caso, era a URCA, a Universidade Regional do Cariri – quando ela viu um papelzinho colado ali.

Aglaiza Sedrim: Tinha um anúncio de um curso de Libras.

Rafael Revadam: Libras, a língua brasileira de sinais. A Aglaiza não pensou duas vezes antes de se inscrever.

Aglaiza Sedrim: Crente que eu ia aprender pra ensinar essa menina. Eu ia aprender Libras pra ensinar essa menina. Essa aluna. Mas não, não, não aconteceu. O máximo que eu consegui com ela foi – ah, eu aprender o alfabeto datilológico.

Rafael Revadam: O que a Aglaiza aprendeu nesse curso foi o que você talvez já tenha tido algum contato: o alfabeto datilológico, que é o alfabeto manual, com os sinais correspondentes a cada uma das letras das línguas orais.

Aglaiza Sedrim: E... E eu ficava meio que apontando e escrevendo na aula. E eu fazia lá, bem devagarzinho, as palavras do alfabeto datilológico, mais uma vez sinalizava, soletrava.

Rafael Revadam: Imagina dar uma aula pra alguém soletrando cada letra de cada palavra? Imagina ter uma aula em que o professor fica soletrando tudo?

Aglaiza Sedrim: Ela anotava tudo. Tudo o que eu ia falar eu copiava na lousa e ela, eu escrevia na lousa, ela anotava no caderno tudo.

Rafael Revadam: Era um processo penoso pra todos os lados. Mas tava indo.

Aquela aluna abriu os olhos da Aglaiza pro tamanho do problema, e ela se dedicou a ficar fluente em Libras – não só nos sinais de cada letra, mas nos sinais de cada palavra.

E conforme ela ia avançando, ela começou a sentir falta de uma coisa. De muitas coisas, na verdade.

Faltava um monte de vocabulário matemático.

Tipo as palavras que a gente usa na hora de resolver uma equação, fazer um cálculo de geometria, pensar um problema matemático... Coisas que eram essenciais pra ela e pros alunos dela.

O que a Aglaiza percebeu é que os cursos voltados pro ensino de Libras ensinam muito de gramática – mas quase nada de outros universos pra além da língua portuguesa.

Então ela começou a estudar os sinais matemáticos por fora...

Só que não demorou muito pra ela esbarrar num novo dilema: não tinha sinal pra tudo que ela precisava ensinar.

Ou seja, a questão não era só que os cursos não ensinavam esses sinais da matemática.

Era que vários desses sinais não existiam.

Não tinham sido criados ainda.

Tentar ensinar uma coisa em Libras sem ter os sinais próprios pra isso é igual tentar explicar uma coisa em português sem ter as palavras que você precisa.

E não adianta só inventar alguma palavra, né?

As pessoas precisam te entender.

Bom, corta pra 2022. A essa altura, a Aglaiza já terminou o mestrado, e a pesquisa dela foi compilar uma lista de sinais matemáticos que já existem em Libras.

Aí ela vai prum evento acadêmico sobre matemática, e se apresenta como uma professora focada no ensino inclusivo.

Um colega acha interessante e puxa assunto.

Marcelo Firer: Eu falei: olha, ensinar matemática para cegos deve ser um desafio gigantesco, porque tem uma, tem uma limitação intrínseca, porque a matemática é extremamente visual. E eu falei para ela que ensinar para surdos não tem essa limitação intrínseca. E ela falou não, que tem em todas as limitações da história de vida dele, ele tem uma limitação adicional que é uma pobreza de vocabulário, né? Falta de sinais ou sinais fora de contexto.

Rafael Revadam: O Marcelo Firer é professor do curso de matemática da Unicamp, a Universidade Estadual de Campinas. O Marcelo achava que devia ser relativamente fácil ensinar matemática pra alunos surdos.

Mas é que ele ainda não tinha se ligado numa coisa que, na verdade, muita gente não sabe. A Aglaiza foi mostrando pra ele que Libras e português não são o espelho um do outro. Pelo contrário, são línguas diferentes com lógicas bem diferentes.

Aglaiza Sedrim: São línguas que coexistem no mesmo país. Mas, mas uma não, não depende da outra.

Rafael Revadam: E o Marcelo ficou surpreso quando ele percebeu que a língua portuguesa, assim como o inglês, o espanhol, qualquer língua escrita, é só uma porção de desenhos pra quem é surdo.

Porque é isso que sobra quando você tira a camada sonora.

E aí as pessoas surdas que vão aprender a língua portuguesa precisam decorar esses rabiscos todos.

Só que o nosso idioma tem centenas de milhares de verbetes.

Imagina decorar tudo isso?

Já a Libras é um outro tipo de língua: é o que se chama de uma língua visual-espacial.

E os sinais surgem naturalmente da forma de pensar e de expressar das pessoas surdas.

Por isso que esse é o idioma principal e o mais adequado pra toda uma comunidade de pessoas no país.

Só que, como a gente tava dizendo, tavam faltando alguns pedaços desse quebra-cabeça da Libras.

Depois daquela primeira conversa, a Aglaiza e o Marcelo começaram a se falar toda semana. De um lado, o Marcelo não parava de pensar no que eles podiam fazer pra ajudar a tapar esse buraco.

Marcelo Firer: Mexeu comigo de uma maneira que eu não conseguia imaginar que fosse mexer.

Rafael Revadam: Do outro lado, a Aglaiza já tava inspirada em criar uma outra lista. Não dos sinais da matemática que já existem, mas dos que não existem.

Aglaiza Sedrim: Ah! Axioma é um dos termos que vai para o, pra listas em que não tem sinal. Opa! Isso não tem. Pontos colineares, né, colinearidade entre pontos.

Rafael Revadam: Até que o Marcelo deu a ideia deles criarem um evento pra debater isso – que ganhou o nome de Libras + Matemática. Eles organizaram tudo com a Unicamp e abriram uma chamada pra estudantes surdos do país inteiro. Ia ser uma imersão de quase duas semanas pra discutir e criar um vocabulário – ou um sinalário – de matemática em Libras.

Yuri Cristina Mekai: Marquinhos vai substituir. E aí a gente combina que quando começar a Sabrina, aí me chama para fazer a voz...

Rafael Revadam: Essa é a Yuri Cristina Mekai. Ela foi intérprete voluntária do projeto Libras + Matemática e foi uma das pessoas que me ajudaram nas entrevistas durante o evento. Agora ela vai fazer a voz de uma das participantes, a Sabrina Evangelista.

Sabrina Evangelista: Eu me chamo Sabrina, e este é meu sinal.

Rafael Revadam: Na hora de se apresentar, a Sabrina fez o gesto de cada letra do nome dela e depois fez um sinal. Esse sinal é como se fosse uma assinatura única, cada pessoa tem uma.

Sabrina Evangelista: Prazer em conhecê-lo

Rafael Revadam: Muito prazer.

Rafael Revadam: A Sabrina não é estudante do ensino médio como a maioria dos participantes da oficina. Ela é professora de matemática em Teixeira de Freitas, na Bahia.

Sabrina Evangelista: O meu avô, quando eu tinha seis anos, ele me ensinou matemática. Ele não sabia Libras, ele gesticulava e escrevendo com giz, ele me mostrava os cálculos. Como somar...

Rafael Revadam: Aqui, a gente tem mais uma história em que cada degrau revela uma dificuldade nova. O primeiro foi justamente a falta da língua de sinais na vida de uma criança surda.

A Sabrina tava contando que o avô foi a primeira pessoa a incentivar ela a gostar de matemática – mas ele fazia isso do jeito que ele conseguia naquele momento, gesticulando como dava.

E, na escola, a Sabrina ficava numa sala só pra surdos – só que lá também não usavam a língua de sinais. Isso só veio um pouco mais tarde, quando ela tava no segundo ano do ensino fundamental.

Sabrina Evangelista: E semestralmente a gente ia se desenvolvendo em libras, a nossa escrita, os cálculos matemáticos.

Rafael Revadam: Agora, usando Libras na escola, tudo tava fazendo mais sentido. E a Sabrina tava indo bem nas matérias. Até que ela teve que mudar de colégio, e as coisas desandaram de novo.

Sabrina Evangelista: No ensino médio eu tive bastante dificuldade. Porque assim, minha família reclamava muito que não havia intérprete de Libras e não havia condições de pagar um tradutor e intérprete de

Libras. Ainda que fosse o meu direito, que é necessário para o meu aprendizado.

Rafael Revadam: Mesmo assim, ela conseguiu terminar o ensino médio. E, depois de duas tentativas, ela conseguiu passar no vestibular.

Sabrina Evangelista: Nós comemoramos muito minha entrada no ensino superior, no curso de matemática.

Rafael Revadam: Mas não demorou pra essa alegria ser interrompida. Na universidade também não tinha intérprete pra ela. E, pensa, se fazer o ensino médio numa língua que não é a sua já é um desafio enorme... imagina fazer faculdade. E faculdade de matemática ainda por cima.

Sabrina Evangelista: Porque realmente eu não tenho o português, um português específico de ensino superior que é muito avançado, eu tenho. Eu desenvolvo meu raciocínio em língua de sinais.

Rafael Revadam: E lá foi a Sabrina de novo tentar garantir o direito dela de ter um intérprete. No fim, ela descobriu o problema que tava empacando tudo: a remuneração que a universidade oferecia pros intérpretes era tão baixa que ninguém queria pegar o serviço. Ela teve que recorrer ao Ministério Público.

Sabrina Evangelista: Eu precisei entrar com dois processos pra garantir esse direito, uma melhor remuneração dos intérpretes e garantir o meu direito.

Rafael Revadam: Depois dessa saga, ela finalmente conseguiu um intérprete e a rotina de estudos ficou mais fácil. Se não fosse por um último problema. Aquele buraco que a gente tava falando agorinha. O buraco em que a Aglaiza caiu naquele dia na sala de aula.

Beleza, um intérprete é essencial pra traduzir as aulas – que são em português – pra língua de sinais. Mas e quando não existem sinais pra expressar o que tá sendo dito?

Sabrina Evangelista: Eu já cheguei a pesquisar, por exemplo, como criar sinais matemáticos, sinais em libras pra área de matemática, e relacionei com algumas palavras e como seria a estrutura da criação desses sinais. Por exemplo, ângulos...

Rafael Revadam: Por isso a Sabrina ficou animada quando contaram pra ela que ia ter aquele evento na Unicamp, organizado pela Aglaiza e pelo Marcelo. E ela resolveu viajar do sul da Bahia até Campinas pra participar das discussões e da construção do sinalário.

Eu combinei com os organizadores do projeto Libras + Matemática que eu ia conhecer os participantes e depois acompanhar eles em algumas das oficinas.

A primeira coisa que a Aglaiza e o Marcelo me explicaram é que a ideia da imersão não era dar uma lista de expressões matemáticas e pedir pros participantes criarem os sinais, assim do nada.

Em vez disso, eles fizeram uma lista de sinais que não existem e montaram uma apostila com exercícios de matemática que envolvem esses termos. E aí a ideia era que a resolução dos problemas por si só já despertasse o debate sobre os sinais que ainda não foram criados.

No fundo da sala, tinha uma espécie de mural na parede com a lista dos sinais que eles tavam trabalhando ao longo daqueles dias.

Quando eu cheguei, tinha oito itens na lista:

retas concorrentes oblíquas,

axioma,

colinearidade ou colinear,

ponto de trissecção,

transferidor,

tal que,

intersecção,

e proposição ou teorema.

Eu confesso que alguns desses nomes até são familiares pra mim – mas tem outros que eu simplesmente apaguei da memória.

Mas eu vou tentar explicar um conceito, e como foi construído o sinal dele lá na oficina.

Tomara que eu não decepcione o Marcelo e a Aglaiza, vamo lá.

A colinearidade acontece quando a gente tem um conjunto de pontos localizados na mesma linha.

De um jeito que, se eu passar um risco por esses pontos, vai dar uma linha reta.

Ou seja: eles são pontos colineares.

Pra chegar num sinal que indicasse a colinearidade, os estudantes olharam uma figura com pontos colineares e desenharam ela no ar.

Aí uma participante, a Thayssa, sugeriu um sinal que imitasse essa imagem. Eu vou explicar e você tenta me acompanhar, tá bom?

Primeiro, estica o seu braço direito pra frente, mais ou menos na altura do ombro. Agora dobra o cotovelo como se estivesse protegendo o seu corpo com o braço. Mas mantém o braço firme e um pouco distante do corpo, porque a gente vai usar ele como se fosse a nossa reta, a linha onde os pontos colineares vão ficar.

Agora, com a mão esquerda, a gente vai marcar os três pontos que estão nessa reta, os pontos A, B e C. Então pega a mão esquerda e leva na ponta do seu cotovelo direito. Pra indicar que ali é o ponto A, tem que fazer o sinal da letra A, que é a mão fechada, como se a gente fosse dar um soco, mas com o polegar pra fora.

Feito o ponto A, vamos pro B.

Agora a mão esquerda vai pro meio da reta, ou melhor, pro meio do braço direito. E aí tem que fazer o sinal da letra B, que é parecido com o gesto de pedir quatro pãezinhos na padaria, os quatro dedos levantados. A diferença é que aqui os dedos têm que ficar juntinhos.

Pronto, só falta o último ponto, o C. Pega a mão esquerda e coloca mais pra extremidade do braço direito, chegando quase na sua mão direita. E faz o sinal da letra C, que é um C com a mão mesmo. Pronto, é mais ou menos isso.

E pode parecer complexo comigo aqui narrando cada movimento, mas eles fizeram esse sinal em alguns segundos, muito mais rápido que o tempo que eu levei pra explicar.

Tipo o tempo que leva pra falar a palavra “colinearidade” em português.

Esse é o método mais comum pra construir sinais: partir do visual e tentar reproduzir aquilo com as mãos.

Mas nem sempre todo mundo chegava num acordo sobre qual sinal fazer.

Rafael Revadam: Vocês falaram que fecharam nove sinais ao todo na oficina, né? Que vocês definiram. É isso?

Marcelo Firer: Não, eu não sei. Eu sei que tem 9 gravados.

Rafael Revadam: 9 gravados?

Marcelo Firer: 9 já separados, editados.

Rafael Revadam: É que na verdade eles gravaram os sinais definidos pra colocar no Youtube, no canal Libras + Matemática.

A gente vai deixar o link na descrição do episódio.

Marcelo Firer: A listinha aqui, a listinha aqui tem até dez, 11, 12, 13, ou seja, deve vir mais. Na coluna, na coluna da contagem tem mais. Aqui tem: colineares, intersecção de sólidos, intersecção de área, intersecção de reta e curva, tem muita coisa de intersecção. Aliás, intersecção foi onde eles quebraram o pau. Mas eu acho que tem mais coisas, né?

Rafael Revadam: Era isso que eu queria saber, se teve algum sinal que teve desavença.

Marcelo Firer: Intersecção, intersecção.

Rafael Revadam: Por quê?

Marcelo Firer: Eu não sei nada de libras, mas quando eles tavam discutindo intersecção, eu entrei na sala e tava todo mundo brigando, assim. Primeiro você vê que tá todo mundo falando ao mesmo tempo, ou seja, ninguém tá ouvindo [...] E estavam falando o que seria falar em voz alta, ou seja, com sinais exacerbados.

Rafael Revadam: Nunca é fácil entender uma divergência dentro de uma língua que a gente não conhece, né? Mas eu vou tentar aqui. Já existia um sinal que significava algo como intersecção, mas ele não servia pra falar de vários tipos de intersecção na matemática.

Aglaiza Sedrim: Não conversa com o que de fato nós estamos querendo dizer quando nós colocamos num contexto geométrico, por exemplo.

Rafael Revadam: Daí tinha um problema básico, uma decisão que eles tinham que tomar. Ia ter um único sinal novo pra interseção? Ou eles iam ter que fazer um sinal pra cada tipo de interseção dentro da matemática? Porque não é porque um negócio tem uma palavra em português que tem que ter um sinal em Libras.

Aglaiza Sedrim: A gente tinha o sinal pra plano já, já já existe sinal para plano, já existia sinal para plano. Se a gente fosse fazer um plano alfa e um plano beta, aqui e a gente fosse usar esse sinal de interseção, fica uma expressão em sinais, enorme, enorme e fica um português sinalizado, não fica língua de sinais, fica um português sinalizado.

Rafael Revadam: Com uma pergunta dessas, você acaba interrogando a natureza do conceito em si.

O que é interseção?

O que a interseção de planos tem a ver com a interseção de café com leite?

Será que são a mesma coisa?

Tudo isso tava na mesa, e o pessoal debatendo, debatendo, testando um sinal, testando outro...

Marcelo Firer: Não teve votação, porque além daquilo teve votação. Foi uma convergência. Pois não foi nenhuma das propostas iniciais. Elas foram interagindo entre si. O processo é muito bonito e muito, muito bonito.

Rafael Revadam: A proposta que vingou – que ninguém sabe de quem foi a ideia, foi meio de todo mundo – não é um único sinal.

É um movimento comum a todos os sinais diferentes que falam em interseção.

Marcelo Firer: É uma direção de movimento carregando os objetos.

Aglaiza Sedrim: Exato.

Rafael Revadam: Não vou tentar explicar mais do que isso porque a gente tá no escuro do áudio aqui, mas dá pra conferir os vários sinais de interseção no canal do projeto – que tá linkado lá no site da Rádio Novelo.

E se você achou que a gente já tinha chegado no final da nossa escadaria de problemas... ledão engano.

Tem mais degraus pela frente.

Marcelo Firer: Cê vai dizer o que, que existe sinal para intersecção de retas? Eu não sei se existe sinal! Eles inventaram um sinal, precisa saber se esse negócio pega! Tá certo?

Rafael Revadam: O evento aconteceu em janeiro desse ano, 2023.

E a ideia é colocar os sinais definidos durante os dias de oficina pra circular.

E aí vem a parte de saber se os sinais vão "pegar" ou não.

Se as pessoas vão se apropriar deles, se vão concordar...

É como se fosse um meme: não dá pra forçar que um meme se popularize, mas dá pra ver se ele pega ou não.

Rafael Revadam: E tu já chegou a usar algum sinal que foi definido na oficina nas suas aulas?

Aglaiza Sedrim: Hmm... Hoje. Hoje sim. Hoje sim. Foi numa turma de desenho geométrico. Eu tenho uma eletiva de desenho geométrico. Aí sim, a gente falou em colinearidade, eu apresentei o sinal de pontos colineares. Dei o feedback para a questão. Por exemplo, o transferidor não tem um sinal oficial, assim, registrado, que se usa amplamente, mas o sinal que era convencionado aqui com meu aluno pra transferidor, eu levei pra Campinas e falei para os meninos: "Olha pessoal, se vocês quiserem criar um sinal novo, vocês ficam à vontade? Esse sinal não é, digamos assim, oficial, mas a gente usa o sinal para transferidor". E aí eles adotaram o sinal, todos eles adotaram o sinal. Já dá esse feedback para o aluno: "Olha Caique, esse sinal do transferidor..."

Marcelo Firer: Tá correndo o Brasil!

Aglaiza Sedrim: Foi muito bem aceito [risos]. Então tem essas questões. Tanto eu trouxe o sinal de Campinas para cá, quanto eu já dei esse feedback da ida.

Rafael Revadam: Segundo uma pesquisa do IBGE, em 2019 o Brasil tinha 2,3 milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva. O que correspondia a 1,1% do total da população.

Dessas pessoas, se pegar a faixa entre 5 e 40 anos de idade, 22% disseram saber libras. E se a gente olha só as pessoas que não têm audição nenhuma, esse número sobe pra 61%. Parece bem pouco, né?

Tem aí quase 40% das pessoas surdas que não aprenderam a língua de sinais.

E apesar da inclusão ser uma discussão muito atual, a raiz do problema pode tá lá atrás.

A questão é que a Libras – na verdade as línguas de sinais no geral – passaram por maus bocados até serem reconhecidas.

No final do século 19, em 1880, teve um Congresso Mundial de Professores de Alunos Surdos.

E, nesse congresso, eles definiram que o Método Oral – ou oralismo – era "o mais adequado" pra educação de surdos.

Isso significava ensinar as pessoas surdas a falar e fazer leitura labial, forçando elas a se adaptarem ao mundo dos ouvintes.

Filme Institucional INES: A visualização do objeto é associada à palavra escrita, ao mesmo tempo em que as crianças, através dos movimentos labiais da professora, aprendem a se expressar em correta pronúncia.

Rafael Revadam: Não era só que o oralismo era considerado superior. As línguas de sinais foram proibidas por toda Europa. Diziam que elas eram um atraso. E essa proibição chegou no Brasil um ano depois, em 1881. Existem relatos de que, nessa época, os alunos surdos tinham que ficar com as mãos pra trás, pra garantir que eles não iam fazer sinal nenhum. Quer dizer, era como se eles tivessem uma mordaca nas mãos. A justificativa era que, com isso, eles iam poder "fazer parte da sociedade".

Filme Institucional INES: E os transformam em pessoas úteis e integradas no complexo social em que vivemos.

Rafael Revadam: Historicamente, a Libras só começou a ser reconhecida mais de cem anos depois, em 1988, quando a nova Constituição Federal assegurou o direito à educação pra todos. Mas o projeto de lei que reconhece a Libras como língua oficial só foi de fato aprovado em 2002. Ou seja, tem pouco mais de 20 anos.

Em teoria, isso é um avanço enorme.

Mas, na prática, a aplicação da Libras no dia a dia do Brasil – e todo o processo de inclusão das pessoas surdas – tá bem atrasado.

Pra se comunicar no Brasil, as pessoas surdas ainda são obrigadas a aprender a língua portuguesa.

Talvez essa tenha sido a lógica por trás da proibição da língua de sinais.

Porque a gente proíbe o que apresenta ameaça, né?

E a ameaça aqui talvez fosse simplesmente a necessidade da gente reconhecer que nós, ouvintes, também temos que nos esforçar.

E que não são só as pessoas surdas que têm que se adaptar à gente.

Depois de descobrir a lacuna nos sinais da matemática, eu me peguei pensando: será que tem sinais pra todos os nomes de doenças? Pra cada remédio?

Será que tem sinais de Libras pra conversar sobre os conceitos da biologia? Da filosofia?

E isso é só básico, só o começo.

A consequência daqueles anos todos de proibição é que a Libras ainda é uma língua muito nova.

A língua portuguesa tem séculos e séculos de vida.

A Libras, oficialmente, tem pouco mais de um século.

E, durante boa parte desse tempo, tava rolando a "mordaca nas mãos".

Então quem tá aprendendo Libras, quem tá se comunicando em Libras hoje, tá sempre desbravando territórios novos. Descobrimo buracos, sim.

Mas também podendo fazer parte da invenção desse novo mundo.

Degrau por degrau, passo por passo, sinal por sinal.

E se tudo der certo, o projeto Libras + Matemática vai ser um capítulo dessa história.

Branca Vianna: Esse foi o Rafael Revadam, colaborador da Rádio Novelo.

A gente também queria agradecer todo mundo que compartilhou histórias pra essa reportagem: a Sttéfani Caroline Pereira Santos, o Joalison Santos

da Silva, a Thayssa Vitória Araujo de Souza, e a Sabrina de Azevedo Evangelista, que participaram da oficina lá na Unicamp.

E o Rafael pediu pra agradecer especialmente a Yuri Cristina Fagundes Mekai e o Marcos Henrique Assunção Ramos, os intérpretes que acompanharam todas as entrevistas dele.

E, com isso, esse episódio do Rádio Novelo Apresenta tá chegando ao fim. Obrigada por ouvir.

Se você tá gostando aqui do podcast, um jeito excelente de dar uma forcinha pra gente é dando cinco estrelas no aplicativo de podcast em que você tá aí ouvindo a gente agora – Spotify, Deezer, Apple, Google, Castbox, Amazon Music, onde for.

Se quiser também deixar um comentário, e compartilhar o episódio por aí, melhor ainda.

E, vem cá, você já visitou o site da Rádio Novelo? Todo episódio do Apresenta tem um post feito no maior capricho, com informações extras sobre o assunto, referências da apuração, fotos, enfim, vale muito a pena dar uma passadinha lá.

Essa semana, tem fotos da Virgínia Quaresma em ação, e links pro projeto de Libras e matemática. Você consegue ver lá todos os sinais que foram estabelecidos na oficina da Unicamp.

Fica também o convite – de novo – pra você assinar a nossa newsletter, que chega toda semana te lembrando de ouvir o episódio, e também com alguma dica bem bacana de alguém da nossa equipe.

Agora, se você quiser tiver uma história pra mandar pra cá, pode mandar pro apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar a gente nas redes sociais, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini e pelo Plínio Lopes.

A Mariana Leão fez a montagem desse episódio, e a Julia Matos fez a sonorização.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Um agradecimento especial ao Pedro Almeida.

Obrigada, e até a semana que vem.